

DIÁRIO DE BORDO

QUADRIMESTRE

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

O PRIMEIRO quadrimestre de 2020 mostrou a incrível capacidade que tem o agro brasileiro de se posicionar bem diante de crises.

Num cenário de derretimento da economia em todo o Planeta, ficou patente que as pessoas podem ficar sem comprar sapatos, roupas, eletrodomésticos ou carros, mas não sobrevivem sem comprar alimentos. Em outras palavras, o conceito de segurança alimentar, já um pouco anestesiado na maior parte dos países – em especial, nos desenvolvidos, uma vez que a disponibilidade de comida estava presente no dia a dia –, voltou com força ao cenário internacional, produzindo um possível renascimento do protecionismo agrícola, tendo em vista a necessidade de alimentar as populações urbanas em cada nação. Pelo menos dois movimentos já são previsíveis: por um lado, subsídios à produção agropecuária interna; e, por outro lado, mecanismos que interferirão no comércio agrícola, seja com a proibição da exportação de alimentos, seja tarifando-se as importações de países mais competitivos.

O Brasil precisa preparar-se objetivamente para tais cenários, visto que representam oportunidades e desafios para a nossa ambição de maior inserção internacional do agro.

E, com certeza, a *performance* nacional de janeiro a abril deste ano chamará a atenção dos nossos concorrentes. Isso porque o Brasil foi o único país agrícola importante que aumentou as suas exportações do agro no período. Nos primeiros quatro meses de 2019, o agro brasileiro exportou US$ 29,7 bilhões em números redondos, e, no mesmo período deste ano, o valor foi para US$ 31,4 bilhões – um aumento de 5,7%. Parece pouco, mas, nesse cenário dramático – em que ninguém sabe ao certo o que se deve fazer para combater o vírus, qual é o melhor comportamento a ser adotado (confinamento ou liberação), qual é o melhor tratamento para os infectados, quanto tempo durará a pandemia e quando será o pico dela –, o simples fato de crescer já é notável.

No entanto, os volumes das principais exportações também aumentaram. Em 2019, exportamos 30,4 milhões de toneladas de soja no primeiro quadrimestre e, agora, já exportamos 39,0 milhões – um salto de 28%. Nas carnes, saímos de 2,06 milhões de toneladas, no ano passado, para 2,19 milhões, neste ano – 6% a mais. E, no açúcar, fomos de 4,74 milhões de toneladas para 6,16 milhões – mais outros 30%.

Novamente, a China colocou-se como o nosso maior mercado, saltando de 31,66%, no ano passado, para 37,73%, neste ano. É evidente que o efeito da peste suína africana de 2019 ainda não terminou e segue fazendo daquele grande país um mercado superimportante para o Brasil.

Já para a União Europeia, houve uma diminuição de participação nas exportações brasileiras de 18,58% para 16,37%. O mesmo aconteceu com os Estados Unidos, cuja queda foi de 7,55% para 6,11%.

Só no mês de abril, o total das exportações brasileiras para o mundo todo foi de US$ 18,3 bilhões, e, desse montante, o agro respondeu por US$ 10,2 bilhões, mais da metade, segundo a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (SECEX/MDIC).

Não por outra razão, a expectativa é de que o Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária seja de R$ 697 bilhões em 2020, 8,6% maior do que no ano anterior.

E espera-se, também, que o Produto Interno Bruto (PIB) da agropecuária, mesmo com a brutal crise, cresça 2,4% no ano, enquanto o PIB brasileiro sofrerá uma queda ainda não claramente definida, mas significativa. ■

O Brasil foi o único país agrícola importante que aumentou as suas exportações do agro no primeiro quadrimestre de 2020.